



## **Estratégias para o desenvolvimento da autonomia do aluno de Língua Inglesa**

**Elisangela Lima de Carvalho Schuindt**, Graduada em Letras Inglês e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR); Professora efetiva do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Departamento de Extensão, [elisangela.carvalho@ifro.edu.br](mailto:elisangela.carvalho@ifro.edu.br)

**Odete Burgeile**, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná e Doutorado europeu (modalidade "doctorado europeo") em Filologia Inglesa; Docente do Mestrado Acadêmico em Letras e do Departamento de Línguas Estrangeiras (Inglês), UNIR, [odetebur@gmail.com](mailto:odetebur@gmail.com)

**Gisele Caroline Nascimento dos Santos**, Pedagoga e Mestre em Psicologia pela UNIR, Doutoranda em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – (UNESP) *Campus* de Araraquara; Pedagoga/Supervisora do IFRO, [giselecarol12@gmail.com](mailto:giselecarol12@gmail.com)

---

**Resumo:** Objetiva-se com o presente trabalho elencar possíveis estratégias didático-pedagógicas facilitadoras para o desenvolvimento da autonomia de alunos na aprendizagem de língua inglesa. Para tanto, efetuou-se uma pesquisa qualitativa via questionário (LOWES; TARGET, 1998) e observação participante sobre o papel da metacognição no processo da aprendizagem autônoma. Os sujeitos participantes da pesquisa foram alunos de um curso livre de idiomas, o *PBF Inglês e Espanhol* em Porto Velho - Rondônia. Como teóricos de referência para a análise das possíveis estratégias que possibilitem o desenvolvimento da autonomia do aluno de língua inglesa priorizou-se O'malley e Chamot (1999); Holec (1981); Miccoli (2010) e Paiva (2009). O presente trabalho, entretanto, enfatiza a estratégia metacognitiva (OXFORD, 1990) também denominada estratégia orientadora (*guiding hand*), por direcionar o processo de aprendizagem, o que justifica tal opção. A análise dos dados coletados demonstra que a aquisição da aprendizagem, associada à reflexão da maneira como se aprende, revela-se como ferramenta significativa para descoberta de habilidades e estratégias que contribuem, ou não, para o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem. Todavia, salienta-se que apenas a reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem não é estratégia suficiente para formar alunos autônomos. É necessário que o docente tenha clareza quanto à direção que dará ao processo. Ressalta-se que os dados apontam atividades que poderiam ser utilizadas tanto em sala de aula como fora dela, com vistas à aprendizagem autônoma. Delineiam-se, como pesquisa, possíveis recursos estratégicos que proporcionam aos alunos o desenvolvimento da autonomia, que envolve mudanças na maneira pela qual o professor e aluno pensam/constroem continuamente o ensino-aprendizagem. Dessa forma, o professor torna-se um agente de oportunidades para que o aluno possa refletir, negociar e tomar decisões favoráveis ao seu crescimento.

**Palavras-chave:** Autonomia, Estratégias, Língua Inglesa, Aprendizagem.

### **Strategies for the development of autonomy of English-speaking students**

**Abstract:** The objective of this paper is to list possible didactic and pedagogical strategies to facilitate the development of autonomy in students of English. Therefore, we performed a qualitative research via questionnaire (LOWES; TARGET, 1998) and participant observation on the role of metacognition in the process of autonomous learning. The subjects of the research were students of a free language course, the PBF English and Spanish in Porto Velho - Rondônia. As a reference to the theoretical analysis of possible

strategies to enable the development of the autonomy of English-speaking students we prioritized O'Malley and Chamot (1999); Holec (1981); Miccoli (2010) and Paiva (2009). This work, however, emphasizes the metacognitive strategy (OXFORD, 1990) also known as guiding strategy (guiding hand) in directing the learning process, which justifies such an option. The data analysis shows that the acquisition of learning, associated to reflection on the way we learn, reveals as a significant tool for discovering skills and strategies that contribute, or not, for the development of autonomy in learning. However, it is noted that only the reflection on the learning process itself is not a sufficient strategy to form autonomous students. It is necessary for teachers to have clarity as to the direction they decide to take in the process. It is noteworthy that the data show activities that could be used both in the classroom and outside, with a view to autonomous learning. We outline, from the research, potential strategic resources that provide students with the development of autonomy, which involves changes in the way the teacher and student think / build the teaching-learning process. Thus, the teacher becomes an agent of opportunities for the student to reflect, negotiate and make decisions which are favorable to his/her development.

**Keywords:** Autonomy, Strategies, English Language, Learning.

---

## **Introdução**

As estratégias de aprendizagem para o desenvolvimento do aluno autônomo de língua inglesa são amplamente estudadas, pois considera-se que elas fazem parte do conjunto de variáveis cognitivas que operam, de forma singular, para que cada aluno se torne autônomo e, de acordo com Oxford (1990) e O'Malley e Chamot (1999), têm influência no sucesso que cada aprendiz pode alcançar.

Por que alguns alunos se responsabilizam por sua aprendizagem e outros não? As estratégias de aprendizagem podem contribuir para que este aluno seja mais autônomo e responsável por seu processo de aprendizagem? O que o professor pode fazer para ajudar esse aprendiz a atingir tal autonomia? Esta pesquisa surgiu da necessidade de responder a esses e outros questionamentos relacionados ao ensino de língua inglesa em cursos de idiomas.

Enquanto aluna de Língua Inglesa sempre busquei encontrar maneiras para melhor aprender. Na condição de professora continuava com o mesmo questionamento em relação a meus alunos: como dar aulas que de fato os ajudassem a aprenderem inglês? As respostas às minhas inquietações poderiam estar nas estratégias de aprendizagem, que são pensamentos ou comportamentos especiais utilizadas por indivíduos para ajudá-los a compreender, aprender ou reter informações novas (O'MALLEY; CHAMOT, 1999). Diante de tais questionamentos comecei a pesquisar quais eram as estratégias de aprendizagem e quais mais contribuiriam para o desenvolvimento do aluno autônomo.

Percebi, então, que uma reflexão sobre como se aprende é fundamental para desenvolver autonomia no processo de aquisição de novos conhecimentos.

A formação de alunos autônomos deveria ser uma preocupação constante de cada profissional da educação. Autonomia é a “habilidade de encarregar-se de sua própria aprendizagem” (HOLEC, 1981, p. 3). Considerando não ser viável que o aluno adquira conhecimentos unicamente no ambiente de sala de aula, a autonomia vem ajudar esse aprendiz a desenvolver-se também fora da escola, tornando-se consciente e atuante na construção de sua aprendizagem (PAIVA, 2009).

A partir desses conhecimentos e da necessidade de desenvolver alunos mais autônomos em um curso de língua inglesa em que lecionava e atuava como coordenadora pedagógica na cidade de Porto Velho, realizei uma pesquisa de campo com uma das turmas de adolescentes de nível pré-intermediário por meio de questionário.

Dessa forma, com o intuito de expor o resultado da pesquisa e as minhas principais reflexões sobre as estratégias de aprendizagem para o desenvolvimento do aluno autônomo de Língua Inglesa, apresento, neste trabalho, o que são estratégias de aprendizagem, fixando-me na estratégia metacognitiva; o que é autonomia no contexto educacional e como os resultados da pesquisa ajudarão no planejamento de aulas e atividades que podem promover o desenvolvimento da autonomia do aluno de Língua Inglesa.

### **A autonomia e sua preponderância no processo de aprendizagem de Língua Inglesa**

Para tratar da autonomia no ensino de Língua Inglesa é imprescindível falar em como acreditamos se desenvolver autonomia, bem como sua definição.

Segundo Holec (1981), autonomia é a habilidade que o indivíduo possui de gerenciar a própria aprendizagem. Ainda de acordo com o autor, esta habilidade pode ser adquirida; ela não é nata e também não é um comportamento, mas a capacidade para fazer algo. Assim sendo, acreditamos que “gerenciar a própria aprendizagem” significaria assumir a responsabilidade pelas decisões relacionadas a todos os fatores que envolvem a aprendizagem, ou seja, definir objetivos, organizar conteúdos, escolher os métodos a serem utilizados, acompanhar como a aprendizagem está acontecendo e avaliar o que foi aprendido.

A autonomia acontece em qualquer área do conhecimento, mas, igualmente, na sociedade um cidadão autônomo é um indivíduo que traça suas próprias estratégias de

vida, como a carreira profissional que pretende seguir e a partir dessa escolha, passa a estudar sozinho em casa para um concurso que, porventura, venha a realizar. Este indivíduo é um indivíduo autônomo, pois tomou uma decisão sozinho (escolha da profissão), estabeleceu uma meta (aprovação em concurso) e traçou uma estratégia para alcançar essa meta (estudar em casa).

A definição para autonomia dada por Micolli (2010, p.32) é aquela apresentada no dicionário Aurélio: “autonomia é a capacidade de governar-se a si mesmo”. No contexto educacional, para Micolli, autonomia é uma atitude percebida quando o aluno demonstra que assumiu responsabilidade pelo seu próprio processo de aprendizagem. O aprendiz assume uma postura nova, de independência do professor que, por sua vez, também precisa assumir um novo papel: o de orientador e coordenador do processo de aprendizagem.

No sistema de educação brasileiro encontramos resistência, algumas vezes até por parte do professor, em introduzir aspectos que priorizem a aprendizagem autônoma como a negociação das atividades feitas em sala com participação dos alunos na hora da escolha, reflexão sobre o processo de aprendizagem, autoavaliação, entre outros.

De acordo com Silva (2008, p. 43), “no aprendizado de língua inglesa a prática interativa construtiva e o poder de escolha são posturas muito úteis para o surgimento da autonomia”. É importante ressaltar qual é a função do ensino da Língua Inglesa; lembramos que o inglês é útil na formação dos educandos, não apenas quando se trata de futuro profissional, mas também na formação de cidadãos mais críticos e, por sua vez, autônomos.

Segundo Rajagopalan (2003, p. 70), o principal objetivo do ensino de línguas “é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo”. Ainda de acordo com o autor, existe uma nova definição cultural em relação à aprendizagem de línguas:

Nesse processo, não faz o menor sentido falar em perdas e ganhos. Nós simplesmente nos transformamos em outras pessoas. Afinal, é na linguagem e através dela que as nossas personalidades são constantemente submetidas a um processo de reformulação. (RAJAGOPALAN, 2003, p.61)

Partilhamos da posição de Rajagopalan de que o ensino e a aprendizagem de línguas nos modificam, e essa modificação amplia horizontes possibilitando o

conhecimento de novas culturas; neste sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras (BRASIL, 1998) seguem a mesma direção.

Levando em consideração os PCN, fica claro que a aprendizagem de Língua Estrangeira aguça a percepção e, ao abrir a porta para o mundo, não só propicia acesso à informação, mas também torna os indivíduos e, conseqüentemente, os países, mais bem conhecidos pelo mundo. Essa é uma visão de ensino de Língua Estrangeira como força libertadora de indivíduos e de países. (PENNYCOOK, 1997, p. 39).

Pennycook (1997) defende um projeto educacional de ensino de línguas que procure criar aprendizes autônomos, promovendo-os com maneiras alternativas de ser e pensar no mundo; um projeto que procure abrir espaços para os educandos lidarem diferentemente com novas culturas, tornando-os atores sociais atuantes na construção de seu próprio mundo.

Essa concepção de ensino de língua adicional que contribui para o desenvolvimento da criticidade e cidadania deve existir não apenas na escola regular, mas também em cursos de idiomas.

Visando a esse ensino de língua inglesa libertador, propomos um estudo das estratégias de aprendizagem que nos levarão ao desenvolvimento de educandos autônomos e conscientes.

### **Estratégias de aprendizagem no desenvolvimento de autonomia em alunos de Língua Inglesa**

Considerando a importância das estratégias de aprendizagem como o grande fator de contribuição para o desenvolvimento da autonomia, é interessante que se entenda o que são essas estratégias de aprendizagem antes de discutir os resultados e implicações da pesquisa a esse respeito.

Cohen (1998) afirma que as estratégias de aprendizagem são como passos ou ações escolhidas pelos estudantes para melhorarem a aprendizagem, o uso da língua ou ambos. Também afirma que as estratégias são pensamentos e atitudes conscientes que os aprendizes usam para facilitar as atividades de aprendizagem.

Quais seriam então os tipos de estratégias usadas pelos alunos de língua inglesa? Oxford (2007) propõe a seguinte classificação:

| ESTRATÉGIAS           | DESCRIÇÃO  |
|-----------------------|--|
| <i>Cognitivas</i>     | permitem ao aprendiz manipular, internalizar, reorganizar, transformar o material linguístico (ao tomar nota, resumir etc);  |
| <i>Metacognitivas</i> | usadas no gerenciamento do processo de aprendizagem, como planejamento, automonitoração e autoavaliação. A autora chama essas estratégias de <i>orientadoras (guiding hand)</i> , por direcionarem o processo de aprendizagem. |
| <i>de Memória</i>     | ajudam no armazenamento e recuperação de informações novas por meio de imagens, rimas, palavras-chaves etc.  |
| <i>de Compensação</i> | ajudam a superar um problema causado pela limitação linguística, como gestos, circunlocução.   |
| <i>Afetivas</i>       | ajudam o aprendiz a gerenciar suas emoções e motivação ao falar sobre seus sentimentos, por meio do pensamento positivo e/ou técnicas de respiração para controlar a ansiedade etc.  |
| <i>Sociais</i>        | ajudam na aprendizagem com o outro, via interação, e na compreensão da cultura da língua-alvo por meio de pedidos de esclarecimento, conversas com falantes nativos etc.   |

Quadro 1: Classificação das estratégias de aprendizagem, com base em Oxford (2007). Fonte: OXFORD, R. A. **Teaching and researching language learning strategies: psychological, sociocultural and technological perspectives** (2007, p. 3).

Seguindo o princípio que postula que as estratégias de aprendizagem são sequências de procedimentos ou atividades que os indivíduos usam para adquirir e armazenar informações, concluímos que ser um aprendiz estratégico, ou seja, autônomo implica dominar as técnicas necessárias para utilização dessas estratégias.

Para selecionar quais estratégias utilizar o aluno precisa pensar e refletir sobre como ele aprende. Entendemos que a estratégia metacognitiva é a estratégia que possibilitará essa reflexão sobre como acontece o processo de aprendizagem.

O esforço de alguns alunos para aprender torna-se frustrante muitas vezes, porque não sabem como aprender. O fato de não conhecerem as estratégias que podem ajudá-los a melhorar o desempenho escolar desmotiva-os, pois não sabem como reverter o quadro do baixo resultado obtido.

Vários autores entendem que a saída para esse problema está no ensino e uso das estratégias de aprendizagem. O necessário não é somente o ensino das estratégias para utilização das mesmas, mas também para o metaconhecimento, que é a capacidade necessária de saber quando e quais estratégias utilizar (MUNEIRO, 2006).

A estratégia metacognitiva é a estratégia que, segundo Oxford (1990), se encarrega do papel de organizar o modo como se aprende através da reflexão. Ao realizar atividades onde os alunos têm a oportunidade de pensar sobre a maneira como eles aprendem melhor

e mais facilmente, estamos ajudando-os a desenvolverem estratégias que lhes possibilitarão tornarem-se autônomos.

A metacognição é essa estratégia que possibilita tanto a reflexão quanto a ação, pois compreende a capacidade do aluno de tomar consciência do próprio conhecimento, refletir sobre ele e também sobre os fatores que o influenciam. A partir dessa tomada de consciência o aluno poderá ser capaz de ter atitudes que auxiliem seu desenvolvimento. Por esse motivo afirmamos que as estratégias metacognitivas estão direcionadas para o planejamento e monitoramento do pensamento e manutenção de um estado interno satisfatório à aprendizagem do indivíduo (RIBEIRO, 2003).

As estratégias metacognitivas podem ser divididas em dois tipos: *de monitoramento* e *afetivas*. Se um aprendiz consegue organizar seu tempo, escolher estratégias para estudar e identificar quais foram adequadas ou não à atividade realizada, esse aluno usou habilidades de *monitoramento*. Se este mesmo aluno foi capaz de administrar seus sentimentos, crenças e controlar sua motivação, ele utilizou estratégias *afetivas*.

## **Metodologia**

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e qualitativa. O primeiro tipo de pesquisa foi feito com o objetivo de obter o máximo de conhecimento possível em torno do tema desenvolvido.

Para conceituar estratégias de aprendizagem utilizamos O'Malley e Chamot (1999), Oxford (1990) e Cohen (1998) e para definir autonomia utilizamos Henry Holec (1981), um dos primeiros a escrever sobre o assunto. Já no Brasil temos os trabalhos de Laura Miccoli (2010) e Vera Fernandes Paiva (2009), que também tratam das questões do aprendizado autônomo. Para tratar do ensino de línguas estrangeiras utilizamos Rajagopalan (2003) e Pennycook (1997). Muneiro (2006) e Ribeiro (2003) foram os teóricos utilizados para conceituar estratégias metacognitivas.

A pesquisa inicial foi de fundamental importância para enriquecer o conhecimento com relação ao tema do trabalho e serviu para uma melhor aplicabilidade da parte técnica do mesmo.

A pergunta de pesquisa deste trabalho é: quais são as possíveis estratégias didático-pedagógicas facilitadoras para o desenvolvimento da autonomia de alunos na aprendizagem de língua inglesa? Para responder a essa pergunta foi realizada pesquisa de campo. A escolha desse tipo de pesquisa se baseia no fato de que esta proporciona o levantamento de dados relevantes para a continuidade do trabalho, permitindo uma aproximação com os sujeitos a serem investigados.

A escolha do questionário foi feita por se tratar de instrumento ideal para alcançar o objetivo proposto neste trabalho, já que os sujeitos participantes não precisam se identificar, tornando a pesquisa mais confiável.

A população pesquisada tem idade entre 10 e 13 anos, com nível pré-intermediário de inglês do curso de idiomas PBF da cidade de Porto Velho. Nosso intuito foi descobrir quais estratégias eram utilizadas quando aprendiam uma determinada habilidade, como por exemplo, pedir comida em um restaurante.

No questionário havia 10 opções para os alunos marcarem em relação à forma como eles aprenderam uma determinada habilidade.

### **Análise dos dados**

O resultado dessa pesquisa de campo ajudou a confirmar as ideias encontradas na pesquisa bibliográfica em relação à importância das estratégias de aprendizagem para o desenvolvimento de alunos autônomos de língua inglesa.

Há diversas estratégias que podem ajudar no processo de aprendizagem de língua inglesa para que ela ocorra de forma eficaz e rápida. Contudo, para usar essas estratégias o aprendiz precisa ter consciência da existência delas, sentir-se independente do contexto escolar, e disposto a praticar habilidades que o façam progredir no processo de aprendizagem.

Baseados nesses conhecimentos que foram adquiridos durante a pesquisa bibliográfica e com objetivo de comprovar a realidade de alunos adolescentes de curso livre de idiomas com relação às estratégias para desenvolvimento de autonomia, utilizamos questionário com 10 opções. O questionário usado para a pesquisa permitia refletir sobre a aprendizagem, de modo a levar os alunos a tomarem decisões futuras sobre como e quando aprender, e com que recursos (estratégia metacognitiva), permitindo ao aprendiz o uso

construtivo dos resultados. Dessa forma, ele pode desenvolver estratégias de aprendizagem que, segundo Oxford (1990, p. 1): “são passos dados pelos alunos para melhorar a qualidade de sua própria aprendizagem”. O resultado do questionário foi:

*90% dos alunos responderam que aprendem quando:*

- querem muito aprender;
- alguém mostra como fazer;
- não desistem quando erram.

*60% responderam que aprendem:*

- praticando sozinho;
- observando.

*50% responderam que aprendem quando:*

- alguém me explicou.

*40% aprendem quando:*

- pessoas me encorajaram a aprender.

*20% aprendem:*

- lendo como se faz.

Ninguém marcou a opção “o professor me fez fazer”.

Delineia-se, com a pesquisa, que a motivação intrínseca do aluno (querer muito aprender algum coisa), ver alguém fazendo o que aprendeu e não desistir quando erra, ou seja, aprender pelo método de tentativa e erro, é fator importante para o sucesso da aprendizagem, pois foram essas as opções mais marcadas nos questionários (90%), seguidas por praticar sozinho e observar as pessoas fazendo aquilo que aprendeu (60%). Apenas metade dos entrevistados respondeu que aprenderam alguma coisa com alguém lhes explicando e somente 20% aprendeu algo lendo como se faz. Ninguém assinalou a alternativa “o professor me fez fazer”. Por meio dos resultados pode ser confirmado o que Miccoli (2010) afirma a respeito do aprendizado autônomo: “o desenvolvimento da autonomia é um processo que exige mais do aprendiz.” (MICCOLI, 2010, p. 10).

A falta de oportunidade de escolher o que aprender, ou mesmo ter que aprender aquilo que não é considerado relevante, é um fator desmotivador que pode gerar dificuldades na aprendizagem. A figura do professor está, muitas vezes, associada a esse papel de dizer o que devo ou não aprender e esta talvez seja a razão pela qual os alunos não marcaram a opção “o professor me fez fazer”.

Apesar da necessidade de aulas que funcionem como uma motivação intrínseca para o aluno se interessar em estudar inglês, sabe-se que o professor nem sempre conseguirá motivar o aluno, nem mesmo ensinar tudo o que ele precisará aprender para expressar-se bem em língua inglesa. Paiva (2009) afirma que “tanto professor quanto alunos devem saber que seus papéis em sala de aula são limitados; o professor não pode ensinar tudo, e o aluno não deve esperar que através do professor se aprende tudo”. É preciso rever o papel do professor e ajudá-lo a executar uma prática pedagógica que dê oportunidade aos alunos de refletirem como aprendem e, dessa forma, possam usar suas descobertas para melhorarem seu desempenho acadêmico.

Foi possível detectar também que quando o aluno tem interesse por um determinado assunto as possibilidades de ter sucesso na aprendizagem são maiores. Tanto que uma das opções mais marcadas foi “querer muito aprender uma coisa”. Associando as três opções mais marcadas: “alguém me mostrou como fazer”, “eu queria muito aprender”, “eu continuei tentando mesmo quando errei”, concluímos que, quando o aluno está motivado ele desenvolve estratégias autônomas.

### **Considerações finais**

O presente trabalho foi relevante para compreender que as estratégias de aprendizagem, em especial a estratégia metacognitiva, são, de fato, estratégias facilitadoras para o desenvolvimento de autonomia de alunos de língua inglesa; a começar pela pesquisa bibliográfica que possibilitou um melhor entendimento do conceito de um aprendiz autônomo no seu processo de aprendizagem e quais estratégias podem ajudar esse aprendiz a alcançar seus objetivos de forma eficaz.

O questionário aplicado foi peça chave para confirmar a hipótese de que a aquisição da aprendizagem, associada à reflexão sobre a maneira como se aprende (metacognição), revela-se como ferramenta significativa para descoberta de habilidades e

estratégias que contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem. Foi possível concluir que quando o aluno de língua inglesa tem consciência da forma como aprende ele tem maior sucesso em seu processo de aprendizagem.

É importante, entretanto, salientar que apenas a reflexão sobre a maneira como se aprende não é estratégia suficiente para a formação de alunos autônomos. Assim sendo, o papel do professor seria o de tentar manter o interesse inicial do aluno motivado e descobrir como motivar aquele que não quer aprender inglês, incentivá-lo a refletir como se aprende e ajudá-lo a desenvolver estratégias de aprendizagem que facilitem a compreensão da língua estudada.

### **Referências**

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COHEN, A. D. **Strategies in learning and using a second language**. New York: Longman, 1998.

HOLEC, H. **Autonomy in Foreign Language Learning**. Oxford: Pergamon Press, 1981.  
LOWES, R.; TARGET, F. **Helping students to learn: a guide to learner autonomy**. London: Richmond Publishing, 1998.

MICCOLI, L. Autonomia na aprendizagem de língua estrangeira. In: PAIVA, V. L. M. de O. (Org.) **Práticas de ensino e aprendizagem de Inglês com foco na autonomia**. Campinas, São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 31-49.

MUNEIRO, M. de L. **Estratégias de aprendizagem de alunos do Ensino Superior**. Campinas, UNICAMP, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

NICOLAIDES, C. **A busca do aprendizado autônomo de línguas no contexto acadêmico**. 2003. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2003. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3995/000406519.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 out. 2013.

O'MALLEY, J. M.; CHAMOT, A. **Learning strategies in Second Language Aquisition**. Austrália: Cambridge University Press, 1999.

OXFORD, R. A. **Teaching and researching language learning strategies: psychological, sociocultural and technological perspectives**. London: Longman, 2007.

PAIVA, V. L. M. de O.O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, D. C. (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 31-38.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an international language**. London: Longman, 1994.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIBEIRO, C. **Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem**. São Paulo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003.

SILVA, G. de A. **A autonomia no ensino-aprendizagem de língua inglesa: suas relações com a motivação e as estratégias**. 2008. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10977>>. Acesso em: 15 out. 2014.